

---

*NOTA DE ABERTURA / EDITORIAL*

---



## Nota de Abertura

Neste ano de 2008, decidi a redacção da Revista Lusófona de Ciência das Religiões editar um só volume. A opção foi natural no momento em que se fez um balanço dos compromissos editoriais para este ano: para além dos artigos aprovados, e que não são todos agora publicados, dois *dossiers* evoluíam de forma muito positiva, vindo a estar prontos a breve trecho.

Nesse quadro, e mediante a evolução do processo gráfico, tornou-se claro que a consistência do volume em causa seria bastante grande na medida em que era possível juntar dois *dossiers* relativamente próximos em termos de temáticas.

Num caso, e com a direcção de José Augusto Mourão – a quem prestamos a nossa reconhecida homenagem por todo o apoio prestado ao longo dos já seis anos deste projecto editorial –, estava nas nossas mãos um largo grupo de textos correspondentes à edição das comunicações de um grande congresso sobre missionação no território sobre domínio ou influência portuguesa. Marcante a nível historiográfico e mesmo teológico, esse congresso viria enriquecer, em muito, a revista e o projecto científico em que ela se integra.

No outro caso, José Eduardo Franco levava a bom termo um esforçado projecto de, neste ano em que se comemora a figura ímpar de António Vieira, reunir um grupo de universitários portugueses e brasileiros e trazer às nossas páginas um leque de colaboração de uma riqueza que se pode avaliar, quer pelos nomes envolvidos, quer pelos textos que a seguir temos a honra de publicar.

Pela primeira vez, esta Revista se lançou em temas relacionados com o passado colonial português. Fazêmo-lo de forma despreconceituada, admitindo, em premissa base, que apenas nos é possível olhar para o futuro sem traumas do passado.

A missionação, se muitas vezes objecto e forma de dominação cultural e económica, foi também a primeira linha de uma aculturação, de um conhecimento, de uma troca de vidas que resultou no património que é hoje a Lusofonia.

Padre António Vieira é ainda mais uma figura única que conseguiu reunir admiração de ódios de variados quadrantes, não podendo ser visto, nem como clérigo, religioso, nem como homem, que também o foi, perseguido pelos seus ideais e pelos conteúdos dos seus magníficos textos.

No fundo, e na medida dos desafios que actualmente se colocam, Ciência das Religiões é também esta dimensão de gestão do património comum de todos nós, os falantes e viventes da Lusofonia.

Sim, porque a nossa memória colectiva é feita de adesões à memória e de repulsas ao que achamos ser esse passado. Ambas, as adesões e as negações, são perfeitas construções sem as quais não podemos viver.

A Ciência das Religiões é cada vez mais o espaço de saber onde tomamos plena consciência de como somos afectados pela forma como olhamos para os fenómenos. Mais que pelos fenómenos em si. No fundo, o centro de tudo está nos nossos olhos e em como os usamos.

*Paulo Mendes Pinto*